



INSTITUTO CAMÕES BUCARESTE

CRONICANDO EM CLUJ-NAPOCA

SÓNIA DIAS MENDES (ORG.)

bucareste 2023

DADOS DE CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MENDES, S.D. (ORG.) (2023). *CRONICANDO EM CLUJ-NAPOCA*. BUCARESTE: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE.

TÍTULO: CRONICANDO EM CLUJ-NAPOCA

ORGANIZAÇÃO: SÓNIA DIAS MENDES

EDIÇÃO: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

DATA: MAIO 2023

LOCAL: BUCARESTE, ROMÉLIA

CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

STRADA EDGAR QUINET NR. 5-7, COD 010017, SECTOR 1, BUCARESTE

DESIGN GRÁFICO: SÓNIA DIAS MENDES, 2023

FOTOGRAFIA: SHARON SNIDER | CLOSE-UP SHOT OF A WATERCOLOR PAINTING | WWW.PEXELS.COM

EDIÇÃO FINANCIADA POR:

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PORTUGAL

WWW.INSTITUTO-CAMOEES.PT



ÍNDICE

Prefácio: O nascer da escrita VERONICA MANOLE_____	3
Portugal ANDREI SCRIDON_____	4
Crónica para aqueles que vão escrever ANDREI SCRIDON_____	6
Este vento de giz BEATRICE Danci_____	8
Primeiro amor DIANA POPA_____	9
Do mês que vem não passa DIANA POPA_____	10
Rezem pela minha alma pecadora LOREDANA BARBU_____	11
As luvas MARIA GEAMĂNU_____	12
O que nós queríamos e não queremos MARIA GEAMĂNU_____	14
Pergunta da vida NARCISA PALMOTA_____	16
Uma solidão espiritual SAMIRA LUCA_____	18
Frases que não servem para nada SAMIRA LUCA_____	19
Tempo passado que ainda não passou TEODORA CRIȘAN_____	20
O maridinho e a mulherzinha TEODORA CRIȘAN_____	22
Nota da Organizadora SÓNIA DIAS MENDES_____	24

PREFÁCIO

O NASCER DA ESCRITA

Numa das suas reflexões sobre a escrita, reunidas no volume *Crônicas para jovens: de escrita e vida*, Clarice Lispector afirma: “Não se faz uma frase. A frase nasce.”

Nestes textos, os leitores poderão descobrir como nascem as frases quando os escritores são alunos que aprendem o português como língua estrangeira (PLE) e que se expressam, portanto, numa língua que não lhes é a mais familiar.

Sob o olhar atento da leitora Sônia Mendes, uma autêntica “parteira” de frases, as crônicas dos alunos do Curso de Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesas de Cluj-Napoca ganham forma, coerência e coesão, ao longo de um processo atentamente guiado, que passa por sucessivas escritas e reescritas, estando o fruto deste árduo trabalho disponível agora para os leitores.

Os textos aqui reunidos testemunham que há uma inexaurível fonte de criatividade a ser explorada com os alunos nas aulas de PLE, o importante é encontrar o caminho certo para a desvendar. É através destas crônicas que se vai revelar uma relação íntima com a língua portuguesa, o que torna o processo da escrita, muitas vezes, numa autêntica descoberta de si.

Os leitores encontrarão nas páginas seguintes verdadeiras declarações de amor à cultura portuguesa, reflexões em torno das “frases que não servem para nada” (será que é mesmo assim?) ou da frenética procura da inspiração. Conhecerão personagens que tentam adivinhar que língua estranha se fala no metro de Lisboa, descobrirão a ternura do primeiro amor não correspondido, o sofrimento provocado pelo fim de uma relação, verão como ganha corpo um verdadeiro vendaval de emoções de quem está à procura de si, lutando contra a solidão e pelos próprios sonhos.

A leitura destes textos revela como a escrita – o nascer da frase – tem o poder fabuloso de criar universos, abrir caminhos e despertar emoções. A página em branco, por muito angustiante que seja, é apenas uma promessa. Se há beleza na literatura, ela pode manifestar-se também na forma de uma página em branco, cheia de promessas. Esperamos que estas jovens vozes de escritores encontrem nos seus caminhos futuros o descanso para parar diante de uma página em branco e continuar a escrever. A primeira paragem, feita agora, é prometedora.

VERONICA MANOLE
Professora Universitária

ANDREI SCRIDON

PORTUGAL

Já sei, caros amigos, o que vão dizer: “O Andrei vai falar outra vez sobre pastéis de nata, não para de pensar em comida... Mas Portugal não é só pastéis de nata, que cliché!”. E têm razão.

Portugal não é só pastéis de nata. Portugal é também um cálice de vinho do Porto ou da Madeira. Ou um copo de ginjinha. É igualmente cataplana, caldo verde, francesinha e, evidentemente, bacalhau.

Portugal é um mosaico de paisagens e lugares encantadores: do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém em Lisboa à Praça da Ribeira e à Estação de São Bento no Porto, dos palácios de Sintra à imensa Biblioteca Joanina em Coimbra, dos canais venezianos de Aveiro ao Casino do Estoril em Cascais, das praias da Madeira e dos Açores ao Cabo da Roca – o lugar onde a terra se acaba e começa o mar.

Portugal é a alegria do Carnaval de Santo António, a algazarra das festas do Bairro Alto, mas também o silêncio curativo e os murmúrios do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Portugal é uma avenida vestida de flores de jacarandás, as anunciadoras do verão.

Portugal é aquela guarda de trânsito a quem perguntas: “Desculpe, podia dizer-me, por favor, onde fica a Rua Marta?”. E ela ali, no meio do tráfego, pega no seu tablet, e diz: “Vamos ver!”. Ou aquele militar da Guarda Nacional Republicana que te diz: “Não sei onde fica o Teatro Nacional, eu sou do Algarve, mas venha comigo, se calhar o meu colega sabe”. E, de repente, estás dentro do Quartel do Carmo e ouve-lo: “Ó Afonso, o senhor quer saber onde fica o Teatro Nacional. Temos um mapa?”. E tu, tão envergonhado, e eles: “Não se preocupe. Se podemos ajudá-lo, porque não?”.

Portugal é a empregada de mesa que te oferece um sorriso sincero e fala com diminutivos: “Quer mais molhinho para a francesinha? Ou um cafezinho?”.

Portugal é Vasco de Gama. E Fernão de Magalhães. E D. Sebastião, o Desejado, o Adormecido, aquele monarca legendário que desapareceu sem deixar rasto durante uma batalha e por quem os portugueses ainda aguardam, para colocar todas as coisas no seu devido lugar. Será que o rei guerreiro voltará um dia, numa manhã de nevoeiro?

Portugal é a língua portuguesa: uma língua como uma canção, a sexta mais falada a nível mundial, que tem, não obstante, as suas vicissitudes: seis formas de conjuntivo, o infinitivo pessoal e, sobretudo, a mal-entendida e detestada mesóclise.

Portugal é música: o fado que ganha vida graças às vozes de Amália Rodrigues e Mariza, o “desfado” de Ana Moura, o ecletismo dos Deolinda, mas também o pop eletrónico dos Amor Electro.

Portugal é literatura: a grandeza dos versos de Luís de Camões, o imperativo da lembrança dos romances de José Saramago, as narrações sinuosas de António Lobo Antunes, a dor surda dos livros de Lídia Jorge, o castelo que Fernando Pessoa construiu das pedras que encontrou no caminho ou o lirismo delicado de Florbela Espanca.

Tudo isto se derrama em mim de cada vez que desfruto de um pastel de nata. As saudades e os milhares de quilómetros que nos separam derretem num instante e estou novamente ao teu lado, querida terra lusitana.

ANDREI SCRIDON

CRÓNICA PARA AQUELES QUE VÃO ESCREVER

Portanto, a decisão já está tomada. Queres escrever. Parabéns, leitor! Este é sempre o passo mais difícil. Sentas-te a escrever, perante o portátil (ou perante a folha e a caneta, se és uma pessoa antiquada, como eu) e força! Mas o tempo passa e nada acontece. Começas a explorar as gavetas cheias de lembranças, talvez encontres alguma coisa. Uma operação sem resultados. Vais à cozinha preparar um chá, pegas numa madalena e começas a mergulhá-la na bebida quente

(se Proust conseguiu, há de funcionar!)

nada. Começas a fazer exercícios físicos para acelerar o fluxo sanguíneo e o cérebro. Nenhuma reação. Logo um pouco de meditação e uma tentativa de auto-hipnose, se calhar algum trauma da infância emergirá das cavernas do subconsciente. Nenhum dano quer aparecer. Estás a passar por um bloqueio de escritor? Mas como podes experimentar semelhante estado, se ainda não és escritor? E assim encetam as pesquisas no Google, na busca de inspiração para o teu romance ou livro de contos... Após algumas horas, apercebes-te de que não surge nenhuma ideia, não obstante, aprendeste que o corretor líquido foi inventado por uma secretária que não sabia datilografar muito bem e que não queria perder o emprego, participaste numa campanha online contra os sumos de frutas (“deveríamos comer a fruta inteira!”) e viste aquele filme clássico com Bette Davis, *A estranha passageira*

(*Oh, Jerry, não vamos pedir a lua. Nós temos as estrelas.*)

vais correr. Segundo um estudo realizado pelos pesquisadores britânicos (aqueles que fazem estudos sérios), esta atividade estimula a criatividade. Uma ótima oportunidade para encontrar uma ideia. Mas só encontras pessoas, cães e trotinetes elétricas e, finalmente, uma pedra pequena que se infiltrou nos teus tênis e te obriga a abandonar o jogging.

Estás com fome, mas sem vontade de cozinhar. Entras num supermercado para comprar comida. Algo rápido. Uma pizza. Quattro Formaggi. E, naquele momento, lembras-te daquela pessoa amada, que já não faz parte da tua vida e que nunca soube que a amavas. Ali, em frente da vitrine cheia de produtos congelados, lembras-te de que gostava de pizza Quattro Formaggi, de Pepsi (a “normal”, sem aromas), de Smarties. Todas estas lembranças te invadem... Todas as recordações te seguem até chegares a casa. Ignoras a sacola com a pizza, as garrafas de Pepsi e os Smarties, vais para o teu quarto, ligas o teu gramofone smart ao telemóvel (parece um aparelho dos anos 1920, mas tem ligação Bluetooth, Wi-Fi e USB) e, de repente, a habitação enche-se com a voz melosa da Ella

(*And still my heart has wings, these foolish things remind me of you*)

sentas-te e comesças a escrever, como fazias quando vocês trabalhavam na mesma empresa.

(O que estás a escrever? Será uma carta de amor? Não me queres mostrar? Hmm, um segredo!)

O riso dela. Onde estarás? Estarás feliz?

Uma carta de amor que se tornará num conto ou romance... Um flúmen de palavras em prosa que escorre sem parar. Uma noite inteira passa, mas tu continuas a escrever e a reviver cada momento, cada palavra, cada piada. E, no final, uma oração independente, separada do resto. *Desejo-te tudo de bom.*

Todo o amor e todas as saudades encaixadas num só enunciado.

BEATRICE Danci

ESTE VENTO DE GIZ

O mesmo estado. Nada mudou. Os pensamentos diários. No canto mais escuro do quarto, encontra-se um livro de poemas escritos com tinta azul, ao lado de uma rosa vermelha e de uma fotografia. A flor está intacta, como se não tivesse passado tempo. Isto acontece quando se perde a esperança. Felizmente, aqui não é o caso, caros leitores.

(Tudo o que desejamos torna-se realidade)

A voz da cantora é incomparável. Espero que a artista esteja a dizer a verdade. Ou serão falsas tantas canções de amor? Esperar não é fácil, queridos leitores. Todavia, quando há um objetivo, é diferente. Este "Porque comecei?" tem magia própria. Não considero que estes quinze anos de espera tenham sido tempo perdido. Não. Foram uma oportunidade de elevação profissional. Tive a oportunidade de me melhorar como pessoa. Tive o privilégio de me tornar a melhor versão de mim.

Os *souvenirs* da memória estão num cofre bem escondido. Mesmo assim, hoje quis revê-los.

Li os poemas, compostos por mim. Observei o símbolo vermelho. Analisei o momento retido, um retrato da família perfeita. De repente, lembrei-me de duas coisas. Uma recordação vale mais do que mil fotografias. Se o objetivo é difícil, não significa que não seja atingível. Isto quer dizer que não é tão impossível como parece – aparentemente.

(Até que a morte nos separe)

Não poderia estar mais de acordo. Vocês conhecem alguma história de amor que tenha terminado? Se acabou é porque não era verdadeira. Se a nossa é interminável... É discutível. Talvez venhamos a descobrir com o passar do tempo. Por enquanto, tenho uma surpresa para vocês. Estou muito contente. Encontrá-lo-ei, finalmente, pela primeira vez. Foram quinze anos difíceis. Até as pequenas alegrias faltaram. Nem acredito que vou ter com ele ao aeroporto. O automóvel está preparado desde manhã cedo.

As letras saíram do livro. Logo foram levadas pelo vento. Já começo a imaginar a mensagem a ser recebida por ele.

Sem dúvida que foi este vento de giz que nos reuniu.

DIANA POPA

PRIMEIRO AMOR

Alguém disse uma vez que a vida é como um quebra-cabeças. Das mais belas memórias às piores experiências, pelas quais juramos o destino. Tudo isto são partes indispensáveis das nossas vidas. Um bilhete perdido. Um vestido usado em dezembro. Uma mancha de tinta. Um momento íntimo numa praia, no inverno. Um veículo com o teu nome. Uma estrela pop tão velha quanto tu. Sonhos não realizados. Amor perdido. Pessoas que partiram. Mas preencherão esses erros inevitáveis a minha imagem da vida?

Tudo começou quando te vi no inverno de 2008. Conheci-te na biblioteca do liceu. Tu tentavas chegar a um livro no topo da estante. Fui ter contigo e ajudei-te. Agradeceste-me com um sorriso tímido e saíste (desde então não consegui tirá-la da minha cabeça). Comecei a esperar por ti, no mesmo lugar, na esperança de te encontrar novamente (de cada vez que alguém entrava na biblioteca, o meu coração, ansioso por a ver, batia fortemente, mas nunca era ela). Um dia, já prestes a perder a esperança, vi-te (ainda me lembro do lenço vermelho que ela trazia).

- Estás linda.

Naquele momento os nossos olhos encontraram-se e sorrimos (ela veio devolver o livro que tinha levado). Ajudei-te a requisitar outro exemplar e depois ganhei coragem para te perguntar qual era a tua publicação favorita. Sem hesitação, disseste:

- Primeiro Amor.

Eu não sabia se era apenas uma coincidência, mas fiquei feliz, porque era também a minha obra favorita. Falámos sobre isso, sobre outras coisas e sobre tudo o que passava pelas nossas cabeças. Senti uma ligação instantânea, que não conseguia descrever em palavras. O tempo passou a voar contigo na minha presença. Naquele dia, o encerramento da biblioteca estava a meu cargo e ela ficou a fazer-me companhia até ao final do meu turno – oh, se a felicidade existe!

E, logo, o Hyunjin, o meu melhor amigo, entrou na biblioteca para a ir buscar. Imediatamente notei que ela mudou de atitude quando o viu. Algo em mim desabou, mas não quis mostrar-lhes isso. Tentei esconder os meus sentimentos, no entanto não entendia o porquê de querer que passassem despercebidos. Lógico, não? Estava com ciúmes. Eu não tenho ideia se alguma vez percebeu o que eu sentia por ela. Nunca tive coragem para perguntar...

Mas agora já é tarde... Finalmente sei o que tu sentes – amor por ele, amizade por mim.

Meu primeiro amor, gosto de ti!

DIANA POPA

DO MÊS QUE VEM NÃO PASSA

Mesmo que vivamos na mesma casa, parece que vivo sozinho. Não falamos há dois dias, apenas conversas de rotina

(- Vou chegar tarde a casa hoje, não esperes por mim para jantar.)

(- Antes de voltares, compra pão.)

quero falar contigo, mas assim que levantas o muro de defesa, eu paro. O que aconteceu connosco?

No dia 31 deste mês, comemoramos 3 anos juntos. O amor morre ao fim de três anos, não é o que costumam dizer? Não importa quão fundo afundamos, há algo que nos mantém juntos.

(Eu amo-te!)

Demoraste, mas esperei por ti para falarmos

(- Porque é que ainda estás acordado?)

desorientada, sentas-te à mesa à minha frente e eu sorrio suavemente. Não mudaste nada desde o nosso primeiro encontro, os mesmos hábitos, a mesma voz quente, a mesma criança pequena desajeitada, à exceção do brilho nos olhos – já não é mesmo. Quero aproximar-me de ti para falarmos, mas o som do telefone interrompe-me – aparelho detestável! Porquê agora?

Por que motivo sou impedido de estar perto de ti? Levantas-te e atendes o telemóvel. Eu não sei com quem falas, mas parece que estás prestes a desfalecer

(- Obrigada por tudo!)

por alguns segundos, olhas para o vazio e de seguida olhas para mim com um sorriso. Não é o teu sorriso. Esconderás algo atrás dessa expressão facial?

(- Com quem estavas ao telefone?)

(- Foi o médico, receitou-me medicamentos para a dor de cabeça. O stress no trabalho mata-me.)

Estas palavras soam a mentira. Quando ela mente, brinca com o anel da mão direita – não entendo o motivo pelo qual me esconde coisas

(- Tanto me odeias?)

(- O que te faz pensar isso?)

(- Manténs-me longe. Evitaste-me a semana toda. Fiz-te algum mal?)

(- Não. Estive a pensar na forma de to dizer...)

tudo o que me vinha à mente era "Eu quero terminar", contudo, eu viria a descobrir que a verdade era bem mais dolorosa. De facto, não te iria ter mais...

O teu bilhete na vida era apenas de ida. Em breve, partirás, mas viverás sempre em mim. No entanto, quero que vivas comigo, mas do mês que vem não passa.

LOREDANA BARBU

REZEM PELA MINHA ALMA PECADORA

Eu sei que o que sinto nestes momentos não é preguiça, vocês o que acham? Não sentem algumas vezes que uma força inexplicável vos impede de continuar ou de completar as tarefas diárias? Creio que este sentimento nos persegue nalgum ponto da nossa vida. Falava sobre isto com uma amiga, que diz que este sintoma tem nome e apelido: *ADHD Paralysis*.

Descobri na internet que muitas pessoas sofrem desta manifestação, sobretudo quando têm momentos stressantes nas suas vidas. Encontrei um vídeo que explicava os passos que supostamente se devem seguir para escapar a este *loop*, mas não me atrevi a começar o processo, “não conseguia”. A minha alma e a minha consciência diziam-me que isto era um “pecado”, que não podia deixar algo tão insignificante apoderar-se das minhas ações diárias.

“Rezem pela minha alma pecadora” – dizia aos meus amigos com humor, tentando não parecer afetada por este sintoma. Falando comigo mesma, motivei-me a destruir cada um dos pensamentos pecadores e negativos. Poderia nomear este processo: “o meu renascimento”. A cada dia que passava, sentia-me melhor, estava mais produtiva, ia à faculdade frequentemente, alcançava todas as metas que estabelecia.

Os meus amigos verdadeiros rezaram pela minha alma pecadora. Sentiam-se muito alegres com a minha mudança (acho eu). Os seus sentimentos motivaram-me. Estava mais presente nas atividades, desfrutava das saídas com eles e de não ter de ficar em casa.

A minha amiga perguntou-me como o tinha conseguido porque se sentia como eu há já algum tempo. Aconselhei-a a tentar atingir os mais pequenos objetivos diariamente e de uma forma frequente. Transmiti-lhe que não importava se não atingisse todas as metas num dia, porque às vezes as grandes mudanças surgem com passos pequenos. Rindo, ela transmitiu-me a mesma frase: “Reza pela minha alma pecadora”.

MARIA GEAMĂNU

AS LUVAS

Luvras de borracha com textura viscosa. Mastigamo-las até que fiquem presas nas nossas gargantas. Cuspimo-las na casa de banho, limpamos a sujidade que se instalou entre os ladrilhos com o nosso suco gástrico. É mais forte do que o cloro, e quando os convidados entrarem para fazer xixi, vão ficar chocados e cegos com o brilho das nossas entranhas. Tão perplexos e perturbados que eu mesma compreendo a causa do xixi ao redor da sanita, ainda agora, depois da ceia de Natal.

Senhores, não há necessidade nenhuma de desculpas. Agora conhecemo-nos intimamente. Eu vi a vossa urina, vocês viram os meus intestinos a apodrecerem esquecidos numa esquina qualquer. Ou... Vocês acham que é fácil olhar para os órgãos e para os fluídos de outros corpos?

E, porque sou uma tola, quando o Miguel vai à casa de banho, sento-me à mesa com os amigos dele, que só conseguem ver uma mão que está a tremer na ponta do aparador. Eles ficam espantados e quando o meu marido volta, começa a gritar comigo.

- Clarice, e as luvas?

- As minhas luvas? Mastigadas e engolidas.

Mas eles não me ouvem, porque quando as luvas deslizaram pela minha garganta, queimaram todos os vestígios da minha voz. Nada mais pode ser distinguido nos meus rastros. E os amigos do Miguel creem que ele é doente mental e que casou com uma quimera.

Sem dúvida, eles têm razão. O meu marido é tão envergonhado que me compra sempre luvas, para me deixar também sem impressões digitais: um fantasma completo. O problema é que eu as engulo sempre, porque, pelo menos, quero ter mãos. A voz sempre me faltou, já me resignei, mas as minhas mãos devem deixar traços.

Senhores, gostaria de mijar convosco. Hoje, arrisquei e não comi as luvas para ter certeza de que vocês me poderiam ouvir. Eu quero tornar-me mais real.

Será que um forte jato de urina bastará para me afirmar?

Senhores, acreditem em mim, a urina capta melhor o senso da individualidade. Por exemplo, eu já consigo reconhecer-vos pelo vosso cheiro.

Mas os homens ficam atrapalhados. Costumava ser uma quimera, mas, de repente, tornei-me num corpo atraente. Mesmo que este seja impercetível, os homens têm a certeza de que existe e de que me faltam virtudes. Que reviravolta!

E por causa da vergonha, deixei de tentar ter qualquer individualidade, e voltei a ser apenas uma mão.

- Uma mão que mija... Não, espera, quis dizer... a mulher do Miguel, que flertou com o João. É um pouco complicado... Não sei como explicar. Não tenho a certeza.

E desliga o telemóvel.

Hoje, falei com o meu marido e disse-lhe que já não aguento. Pedi-lhe o divórcio. Depois de tantos anos de casamento, quase todo o meu corpo desapareceu. É como se tivesse sido comido por vermes, mas por algum motivo ainda tenho a mão direita.

Então, poderei assinar os papéis de divórcio, mesmo que seja apenas com uma mão. Embora eu ache que vocês já perceberam: todas as mulheres são apenas mãos num espaço cheio de homens. Mas onde conseguirão chegar com tudo isso?

MARIA GEAMĂNU

O QUE NÓS QUERÍAMOS E NÃO QUEREMOS

Olha, não consigo dormir. Tenho saudades das cores. Falo particularmente de um matiz. Tento disfarçar que é mentira. Tento disfarçar que percebi que não é um ser humano o que me faz sentir as mais diversas emoções ao ponto de acordar a meio da noite a chorar.

Quando abro a boca e quase digo uma asneira, luto para reformular a minha frase. Digo: Olha, tenho saudade das cores (não de uma pessoa).

Mas o leitor ouve-me e chora comigo, porque todos temos matizes deste tipo. E quando o oíço chorar, começo a sentir medo de prosseguir esta linha de discurso. Mas porque hei de falar sobre algo que só parece real no meu coração?

(- Esta é também a minha canção favorita de Chet Baker.)

Contudo, a música de Chet Baker tem cores e quando falo contigo, não pareces sentir um pouco de curiosidade sequer pelo colorido deste mundo.

Ou, se calhar, esse desinteresse é, na verdade, pelo meu universo.

(- Olha, Kali, tu és uma hipócrita!)

Estou chateada contigo, João.

Querido leitor, quero que me digas o que é que eu sinto.

(- Pois... Posso di-)

Não, cala-te. Deixa-me esclarecer!

No momento em que me apaixonei pelo João, comecei a dar as boas-vindas aos insetos que entravam em minha casa e a olhar para as flores de novo, como quando era uma criança, antes da morte da minha bisavó. Esta rara felicidade era um sentimento tão precioso e incomum...

Será perigoso voltar a ser criança? Eu quero ver as mesmas cores que só naquele momento tive oportunidade de observar, quero receber os meus olhos de menina ingénua e o meu nariz que costumava ser tão capaz.

Mas, para ser honesta, as ondas carinhosas e ardentes que me tocavam eram uma mentira. A minha felicidade era um embuste. E eu era cega como sempre. Cega e tola.

Tenho saudades das cores, mas por que razão eu só as vejo quando acordo a meio da noite a pensar no João?

Agora podes responder, querido leitor. Ou... Se calhar, podemos ficar em silêncio e nunca mais falar sobre este tolo.

(- ...)

João, estou muito chateada contigo, sabes?

(- Kali...)

Valha-me Deus... Quis dizer... Quis dizer: Olhem, cores, estou muito chateada convosco!

Tentei brincar, mas não faço piadas extraordinárias... Peço desculpas! Podemos escutar jazz para acabar com este silêncio tão embaraçoso. Hoje não sei escrever, não sei comunicar, não sei nada, não posso enganar ninguém.

Hoje só consigo fazer sentido através de uma canção.

I get along without you very well... Of course, I do.

(Except to hear your name...)

Perco-me através das centenas de vozes que cantam perante um jornal, e as palavras tornam-se quase inúteis. Hoje não escrevo bem, mas sinto muito.

NARCISA PALMOTA

PERGUNTA DA VIDA

Era um dia muito bonito, com o sol no topo do céu, um dia que solicitou uma aventura. Na minha cabeça, surgiam dois pensamentos. O primeiro era uma pergunta, uma interrogação que passou pelo meu cérebro, mas também pelo meu coração. Esta questão tem um lugar permanente no meu ser, mói-me e traz-me à vida. O segundo surgiu quando estava a olhar para o meu namorado. Quando o vi pela primeira vez, senti imediatamente uma ligação que me trouxe paz (um sentimento estranho para mim até eu o conhecer).

- O que é que o amor significa para ti?

- Para mim? - retorqui como se não tivesse pensado nesta questão metade da minha vida. Tu achas que todas as pessoas têm uma diferente perceção sobre o amor?

Ele ficou em silêncio por um minuto, sessenta segundos que pareceram uma eternidade. Naquele momento imaginei a nossa vida juntos. Eu podia vê-lo velho e grisalho, na mesma posição em que se encontrava, deitado na relva verde com o sol a bater na sua cara bonita.

- Penso que o amor é diferente para todos, como o sol é diferente para todos os seres. Para as flores, a luz é vida, não podem existir sem o toque suave do sol. Ele espalha o seu amor por toda a terra, ama tudo e todos de igual modo, mas existem seres para os quais a luz do sol é letal, que encontram o amor na escuridão da terra, ou no mar profundo. Às vezes, podes amar algo, como Ícaro amou o sol, mas este amor foi mortal para ele. Então, o que é que o amor significa para ti?

Nada. Tudo? Obsessão. Dor. Felicidade. Tristeza. Alegria. Sofrimento. Perdes-te a ti mesmo. Recrias-te para caber na outra pessoa.

- Paz. Penso que o amor é simples, vem quando menos esperas. Conserta tudo. Sim, o amor que Ícaro sentiu pelo sol trouxe-lhe o fim, mas talvez ele quisesse a calma do finamento. Há uma beleza em incendiar o mundo e vê-lo a arder no meio das chamas. Mas eu não acredito que o amor signifique morte, aconteceu com Romeu e Julieta, com Cleópatra e António, mas nem todos têm esse fim trágico.

- Não acreditas que morrer pelo outro é um ato de amor?

- Não. O amor não deve ser trágico. Essas histórias romantizam a morte quando o destino é mais forte do que o amor, mas eu creio que nós construímos o nosso próprio destino, temos essa força. António para Cleópatra foi um jogo, se calhar ela até o amou, mas não o suficiente, ela amou, sim, o seu império.

- É como Romeu e Julieta?

- Eles eram apenas miúdos. Não entendiam o significado do amor.

Ele permaneceu em silêncio, mas era como se eu pudesse ouvir os pensamentos dele.

Ele tenta entender as coisas de uma forma lógica; é assim que o cérebro dele funciona. Eu gosto de sentir tudo. Mas, neste momento, não sinto nada – apenas calma –, consigo ouvir os pássaros, sentir o sol na minha pele, cheirar as flores, mas nada por dentro. Às vezes pergunto-me se alguma vez conseguirei sentir algo. Se conseguirei amar. Se ele me poderá amar como sou. Olho para ele e nos seus olhos eu consigo ver a minha vida inteira, os nossos filhos, os nossos sobrinhos. Ele é como um sonho, perfeito, como se ele fosse feito só para mim, mas eu não para ele.

O amor significa realmente coisas diferentes para pessoas distintas? Pode o amor ser apenas paz? Mas a pergunta que mói os meus pensamentos é: o amor existe mesmo?

SAMIRA LUCA

UMA SOLIDÃO ESPIRITUAL

Os dias da minha vida já não eram tão interessantes como gostaria que fossem. Só comia porque tinha de o fazer, só respirava porque tinha de o fazer e o meu coração só batia porque tinha de o fazer. Eu não costumava ser assim. Toda a paixão que havia em mim evaporou-se. Ela e o amor profundo e ardente que sentia pelos meus passatempos tinham desaparecido. Sempre gostei de fotografia, arte, moda, socialização, sempre gostei de conduzir, só eu, no meu carro, sozinha e livre na noite com o ar profundo e nostálgico dos dias de verão.

Mas algo em mim mudou. Eu – a pessoa –, eu – o indivíduo –, tudo deixou de ser feito com amor real. A minha cabeça estava tão cheia de preocupações e insatisfação que o meu amor pela vida, por mim, eclipsou totalmente. Mas não estava sozinha, não estava *isolada*, estava rodeada de pessoas – digo isto apenas para salientar que fisicamente não estava só. Tinha a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos – a minha família.

No entanto, sentia-me sozinha, incapaz de encontrar algo que me trouxesse satisfação espiritual – que medo tenho de nunca “o” encontrar, “o algo”. Com “o algo” não me refiro a uma pessoa, mas a uma nova paixão, ou talvez a uma coisa material. Talvez eu sinta a falta de um certo sentimento que nunca mais conseguirei encontrar, um sentimento perdido entre outras dezenas de sentimentos vividos ao longo da minha vida.

Sempre acreditei. Sempre soube. E posso, sinceramente, dizer: detesto-me, detesto a maneira como penso, a maneira como me comporto, a maneira como estou pronta para desistir de tudo o que fiz até agora, só para poder experienciar essa sensação inexplicável.

Sempre – tu, eles, os outros – me disseram que sou uma pessoa capaz, que vou chegar longe na vida, mas ainda não sei exatamente para onde quero ir. Não gosto de mim, embora goste de planear tudo. Sou uma pessoa espontânea, mas a espontaneidade assusta-me, deixa-me ansiosa. Não gosto de controlar todas as coisas que faço, mas adoro ao mesmo tempo. Uma mistura de sentimentos, é assim que provavelmente me consigo explicar melhor.

Comecei a perder o sono, comecei a comer como um pardal. Os quilogramas começaram a desaparecer e, também com eles, o descanso. Tento todos os dias ser uma versão melhor de mim e sei que vou ter sucesso um dia, a única coisa que me impede de o fazer sou eu.

Mas quem me pode ajudar senão eu?

SAMIRA LUCA

FRASES QUE NÃO SERVEM PARA NADA

Já ouviu alguma vez frases numa conversa que pareciam estar lá sem motivo algum? Frases que não adicionavam valor ao discurso? Interjeições, palavras, frases como "ummm", "aaa", "você sabe", "na verdade" e "então". São chamadas "frases que não servem para nada". Na Roménia e na Inglaterra, estas são frequentemente usadas, mas noutros países é possível que estes termos tenham um som diferente.

Já parou para pensar no número de vezes que são usadas nas nossas conversas diárias? Elas realmente acrescentam valor ao que estamos a tentar transmitir ou são apenas palavras de preenchimento que usamos por hábito?

Ouvi duas pessoas a falarem sobre isto na rua.

(O que diz sobre nós o facto de basearmos a nossa comunicação diária em frases sem sentido? Tentamos parecer confiantes, mas, na verdade, mostramo-nos inseguros ou mal-preparados. Estaremos conscientes de que as usamos ou ter-se-ão tornado elas parte do nosso repertório linguístico?)

No mesmo dia, na televisão, um apresentador falava sobre o mesmo tema.

(Não nos poderíamos esforçar para comunicar de forma mais eficiente, concentrando-nos no uso de uma linguagem compreensível, clara e objetiva?)

No dia seguinte, uma professora minha começou a abordar a mesma ideia.

(Não seria melhor fazermos um esforço consciente para eliminar essas frases do nosso vocabulário e nos concentrarmos na seleção de cada palavra que enunciamos e, assim, valorizarmos a mensagem que desejamos transmitir?)

Finalmente, percebi. Era uma mensagem do mundo para mim.

Agora pergunto-lhe: Como gostaria de ser lembrado? Pelo que realmente diz ou pelas palavras com que preenche o silêncio?

TEODORA CRIŞAN

TEMPO PASSADO QUE AINDA NÃO PASSOU

Há uns anos, uma menina perguntou-me quão pequeno é um momento. Na altura, e tendo em conta a sua idade, respondi simplesmente, como qualquer outro ser humano confuso e com a banalidade de um tijolo, que um momento é tão pequeno quanto um momento deveria ser.

Com certeza a pobre criança ficou mais confusa com a minha resposta do que com a pergunta em si. Pensando nela, não consigo fornecer um enunciado simples. Um momento pode ser tão pequeno e tão grande quanto se quiser, tão curto e tão longo quanto deve ser, tão importante ou tão simples quanto precisamos que seja. Todas as vidas são feitas nessas pequenas horas, nesses momentos cheios de reviravoltas do destino. Assim sendo, como poderemos realmente determinar o tamanho correto de um momento? Não podemos comparar os minutos antes de um exame com os minutos durante e depois da avaliação. Eles são todos, teoricamente, iguais em comprimento, mas são completamente diferentes nos restantes aspetos.

O tempo é tão incerto como poderia ser, independentemente das delimitações exatas que a ciência lhe deu. Não acredito que as pessoas entendam completamente a passagem do tempo, como a matemática quer que entendamos. Um exemplo claro de percepção do tempo, na forma mais pura, é a maneira como os momentos se desenvolvem nos sonhos.

Pensando nisso, os sonhos têm a capacidade de dar forma à nossa percepção do mundo, dentro dos nossos subconscientes. Que coisa simples, os sonhos... Todos nós sonhamos, eu, você, até os animais sonham. Os sonhos são, na maioria das vezes, uma coleção de momentos, mais ou menos intensos, com o tempo tão confuso quanto os minutos da eternidade. Eles permitem que o pôr do sol seja visto como o nascer do sol e que o amanhã sejam memórias nas quais ainda não estive.

Sempre fui uma sonhadora muito vívida, pintando imagens claras de texturas na minha mente adormecida, que eu podia sentir, perfumes com os quais colori visões, vozes que nunca ouvi antes, mas que em sonhos eram tão claras como a voz de minha mãe. Embora os meus sonhos pudessem ser, às vezes, tão claros quanto o dia, nunca consegui entender como o tempo passava neles, ou mesmo se passava. A maioria das questões que eu colocava aos meus pais quando era pequena estavam relacionadas principalmente com os meus sonhos. Agora, não pense que eu fazia perguntas simples e fáceis de responder, como uma criança normal faz. Muitas vezes perguntei sobre cheiros que senti em sonhos, ou sobre pessoas que nunca conheci, sobre texturas de materiais que não sabia nomear, mas que conhecia tão bem, indaguei sobre tempos históricos que não deveria conhecer, coloquei questões filosóficas às quais a minha pobre mãe tentou responder, mas ninguém

- além de mim - tinha o poder para encontrar as respostas. Uma vez perguntei-lhe como sonham as pessoas e ela, de um modo simples, replicou que os sonhos são uma composição de memórias, fantasias, medos e ideias. Se é verdade o que a minha mãe diz, que os sonhos são resultado de tudo o que está guardado na nossas cabeças, então porque não podemos sonhar com o tempo? Ainda não o entendemos?

Olhando para trás, não me lembro exatamente em que altura aquela menina me perguntou o que é um momento, nem me lembro de quem ela era. Terei sido eu quem levantou aquela questão tão candente sobre o tempo, para a qual o próprio tempo se revelou incapaz de fornecer uma resposta?

TEODORA CRIȘAN

O MARIDINHO E A MULHERZINHA

Falar a tua língua materna num país estrangeiro pode ser uma experiência bastante estranha: estás cercado por sons que nunca ouviste antes e isto pode ser muito intimidante. De repente, o teu idioma começa a soar mal, não só no contexto público, mas no teu subconsciente também.

Vivo em Portugal há algumas semanas, mas não consigo ignorar a sensação estranha de falar a minha língua em público. Moro com um colega, que obviamente fala o mesmo idioma que eu, que é diferente do português. Sempre que saímos para fazer compras, as pessoas ficam bastante curiosas com o nosso jargão, tentam ouvi-lo, chegando mesmo a fazer pequenas observações sobre as palavras. Acho estranho, e o meu colega concorda comigo, que haja pessoas fascinadas com palavras simples, a que nós estamos tão acostumados, e claramente eles não. Mas as línguas estrangeiras são tão interessantes como as pessoas pensam?

Um encontro particular que teve por base a nossa expressão linguística fez-me pensar que as línguas são, de facto, belas e curiosas criações humanas. Eu viajava da Baixa-Chiado para Moscavide com o meu colega e discutíamos os diferentes temas arquiteturais que cada estação de metro de Lisboa tem, quando reparei que dois idosos estavam muito atentos à nossa discussão. Eles estavam de mãos dadas e pareciam pequenos e insignificantes na massa de pessoas que aglomerava o metro das 18h.

(- De que país achas que eles são?)

A mulher, de baixa estatura e que falava de maneira a que ninguém além do marido pudesse ouvir, perguntou.

Compreendendo algo de português, pude acompanhar a conversa que ia ficando mais intensa à medida que o casal se aprofundava, ao estilo Sherlock Holmes, na descrição da nossa língua. Acredito que o senhor terá sido, na juventude, professor de linguística, pois começou a apontar palavras do nosso idioma que se assemelham ao latim, tornando-a assim, segundo ele, uma língua românica. Até aí tudo bem, mas havia o problema dos constituintes da língua que não são de origem latina, nem germânica. Ele estava concentrando em cada palavra e na maneira como a pronunciávamos. Deduziu, então, que deveria ser uma língua latina com influências eslavas.

Devo admitir que estava mais interessada nas deduções do homem do que na conversa entre mim e o meu colega, mas fiz questão de continuar o diálogo – só assim mais pistas seriam fornecidas.

A tensão aumentava à medida que se aproximava a estação São Sebastião, onde devíamos sair. Quando nos levantámos, o marido olhou para nós uma última vez e disse com orgulho à sua mulher que o nosso idioma era...

(- Próxima estação: São Sebastião. Há correspondência com a Linha Vermelha.)

O anúncio do metro falou mais alto do que a resposta do homem. Saímos com a onda de pessoas que se dirigiam a casa, sem saber, de facto, se o professor tinha chegado à conclusão certa, porém realmente maravilhados com o impacto da nossa língua num país estrangeiro e em pessoas humildes.

Será que algum dia saberei em que língua o homem pensava que estávamos a falar? Talvez não, mas lembrar-me-ei sempre do seu fascínio pelas palavras mais simples.

NOTA DA ORGANIZADORA

AS CRÓNICAS QUE SE ENCONTRAM COMPILADAS NESTA PUBLICAÇÃO FORAM ESCRITAS POR ESTUDANTES DE 2.º ANO DURANTE A FREQUÊNCIA DA DISCIPLINA ‘CRÓNICA LITERÁRIA: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITAS’, LECIONADA PELA LEITORA CAMÕES BUCARESTE E CLUJ-NAPOCA, PROF.^a DOUTORA SÓNIA DIAS MENDES, NO ANO LETIVO 2022/2023, NO ÂMBITO DA LICENCIATURA EM ESTUDOS PORTUGUESES NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE BABEȘ-BOLYAI DE CLUJ-NAPOCA (ROMÉLIA).

OS TEXTOS CONSTANTES NESTA COLETÂNEA INTITULADOS *CRÓNICA PARA AQUELES QUE VÃO ESCREVER*, *ESTE VENTO DE GIZ*, *REZEM PELA MINHA ALMA PECADORA*, *AS LUVAS*, *O QUE NÓS QUERÍAMOS E NÃO QUEREMOS*, *DO MÊS QUE VEM NÃO PASSA*, *FRASES QUE NÃO SERVEM PARA NADA* E *O MARIDINHO E A MULHERZINHA* FORAM ESCRITOS A PARTIR DOS SEGUINTE TÍTULOS DE CRÓNICAS:

“CRÓNICA PARA AQUELES QUE VÃO ESCREVER” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“ESTE VENTO DE GIZ” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“REZEM PELA MINHA ALMA PECADORA” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“AS LUVAS” IN BRAGA, RUBEM (2013). *200 CRÔNICAS ESCOLHIDAS*. RIO DE JANEIRO: RECORD.

“O QUE NÓS QUERÍAMOS E NÃO QUEREMOS” IN CARDOSO, MIGUEL ESTEVES (2001). *EXPLICAÇÕES DE PORTUGUÊS*. LISBOA: ASSÍRIO & ALVIM.

“DO MÊS QUE VEM NÃO PASSA” IN MEDEIROS, MARTHA (2003). *MONTANHA RUSSA. CRÔNICAS*. PORTO ALEGRE/RS: L&PM EDITORES.

“FRASES QUE NÃO SERVEM PARA NADA” IN MEDEIROS, MARTHA (2003). *MONTANHA RUSSA. CRÔNICAS*. PORTO ALEGRE/RS: L&PM EDITORES.

“O MARIDINHOO E A MULHERZINHA” IN VERISSIMO, LUIS FERNANDO (2001). *COMÉDIAS DA VIDA PRIVADA. 101 CRÔNICAS ESCOLHIDAS*. RIO DE JANEIRO: OBJETIVA.

SÓNIA DIAS MENDES
Professora Universitária



ORGANIZAÇÃO
SÓNIA DIAS MENDES

PREFÁCIO
VERONICA MANOLE

AUTORIA
ANDREI SCRIDON
BEATRICE Danci
DIANA POPA
LOREDANA BARBU
MARIA GEAMĂNU
NARCISA PALMOTA
SAMIRA LUCA
TEODORA CRIȘAN

com o apoio

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS